

**DIVERSIDADE, DIFERENÇA, IDENTIDADE, ALTERIDADE, MESMIDADE:
“QUEBRA-CABEÇA” OU “CALEIDOSCÓPIO”?**
**DIVERSIDAD, DIFERENCIA, IDENTIDAD, ALTERIDAD, MESMIDADE:
“QUIEBRA-CABEZA” O “CALIDOSCOPIO”?**

Allan Rocha Damasceno¹

Faculdade de Educação – UFF & Instituto de Educação – UFRRJ;

allan_damasceno@hotmail.com

Resumo

Esta pesquisa se configura em um estudo sobre as questões trazidas pelos sentidos e concepções assumidas para os conceitos de identidade e diferença, tão presentes no discurso educacional brasileiro e, sobretudo, na apropriação discursiva e epistêmica do campo teórico da educação especial na perspectiva da educação inclusiva.

Nossos objetivos apontam para a necessidade de se pensar que os deslocamentos e as rupturas vislumbradas contemporaneamente, pela multiplicidade de significados assumidos pelos conceitos de identidade e diferença, promovem derivações neste debate com a enunciação de outros conceitos, como mesmidade e alteridade, que precisam ser reconhecidos como (re)significação do campo epistemológico da educação especial.

Assim, balizando-se no pensamento de estudiosos das chamadas teorias educacionais críticas, como Silva e Hall, assumimos a teoria crítica como fundamentação teórico-metodológica desta pesquisa.

Nossos resultados sinalizam que ao assumirmos uma educação pautada na pedagogia da pluralidade estaremos no caminho oposto da pedagogia do outro como hóspede da mesmidade e da pedagogia do outro que deve ser apagado, ou seja, segregado, marginalizado.

Dessa forma, considerando como emergencial nossas contribuições com vistas ao atendimento da demanda humana dos estudantes com deficiência, considerados os *diferentes*, esperamos que este trabalho possa contribuir para o pensar/fazer dos professores que atuam ou irão atuar na escola inclusiva brasileira.

¹ Professor do Instituto de Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Especialista em Educação Especial. Membro no Brasil da Red Internacional de Investigadores em Inclusión Educativa y Social – Universidad Autónoma de México.

Palavras-chave: diversidade; diferença, pedagogia da pluralidade.

Resumen

Esta investigación constituye en un estudio sobre las cuestiones planteadas por sentidos y conceptos supones para los conceptos de la identidad y la diferencia, presentes en discurso educativo de Brasil y, sobre todo, la apropiación discursivo y epistêmico el ámbito teórico de educación especial, particularmente en vista de la educación inclusiva.

Nuestros objetivos indican la necesidad de pensar que los desplazamientos y rupturas vislumbradas contemporáneamente, por la multiplicidad de significados emprendidas por los conceptos de la identidad y la diferencia, y la promoción neste debate con la enunciación de otros conceptos, como mesmidade y alteridad, que necesitan ser reconocidos como (re)significacion de la esfera epistemológica de la educación especial.

Así, balizando-si en el pensamiento de estudiosos de teorías educativas críticas, como Silva y Hall, tenemos la teoría crítica como teórico-metodológico desta investigación.

Nuestros resultados indican que asumir una educación basada en pedagogía de la pluralidad estamos en camino opuesto de pedagogía de los otros como invitado de mesmidade y pedagogía de la otra que deben ser extinguido, o sea, segregados, marginados.

Así, considerando como emergencia nuestras contribuciones con miras a la demanda humanos estudiantes con discapacidad, lhamados diferentes, esperamos que este trabajo puede contribuir a la reflexión/hacer de los maestros que actuará en Brasil in la escuela inclusiva.

Palabras-clave: diversidad; diferencia, la pedagogía de la pluralidad.

PARA INÍCIO DE CONVERSA.

Iniciamos este texto com uma provocação trazida em seu título. Qual a relação entre “quebra-cabeça” e “caleidoscópico” com os conceitos de diversidade, diferença, identidade, alteridade e mesmidade, entre outros presentes neste trabalho?

Destacamos como ponto de partida é que tamanha complexidade na abordagem destes nos remete ao desafio de montarmos um quebra-cabeça. Contudo, nossa perspectiva não é a de encontramos uma “linearidade” num “terreno” que sequer sabemos se há, mas de irmos tentando buscar aproximações, de tecer relações que nos possibilitem imaginar se é possível a composição de algo mais coletivizado ou na impossibilidade de entendermos as partes tal qual

se apresentam, reconhecermos as suas singularidades e compormos um “caleidoscópico” de saberes, onde cada constituinte com sua beleza e unicidade, faz parte de um todo. Nesse sentido, o todo são as partes e as partes são o todo.

Este é o nosso desafio. Desejamos que a imagem mais coletivizada que possa ser construída com nosso “quebra-cabeça” ou as imagens que se construam em nosso “caleidoscópico” possibilitem um descobrir que não cessa e que nos provoque na busca incessante pelo *aprender a ver*.

DESCONTINUIDADES, DESLOCAMENTOS E RUPTURAS - NOVAS CONFIGURAÇÕES DA SOCIEDADE PÓS-MODERNA.

Parece-nos eminente a discussão/reflexão que propomos neste estudo, fruto de extensa pesquisa teórica. É importante destacar que vivemos na história da humanidade um momento cultural favorável ao debate sobre identidade(s), e subjacente a esta(s), a discussão sobre a(s) diferença(s).

Inicialmente é importante salientar que Hall (2006) destaca que a questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Nesse contexto, o autor afirma:

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, está aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (p.1)

Seguindo este pensamento, observamos que vivemos um momento de “instabilidade referencial”, ou seja, nas palavras de Hall, mudanças que abalam os quadros de referência da sociedade. Neste sentido, a posição do autor é simpática à ideia de que as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas.

A tese inicial deste trabalho, de que este é um momento histórico ímpar na história humana, é reforçada quando nos debruçamos na análise empreendida pelo mesmo estudioso:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isto está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão

também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia de que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (2006, p.9)

Nesta perspectiva teórica é que construímos nossas ideias iniciais sobre a ideia de diferença, apresentando-a como reflexo constituinte do processo da “crise de identidade” da pós-modernidade. Segundo Kobena Mercer *in* Hall (2006, p. 9) a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza.

É ainda Hall que nos aponta a necessidade de pensar a questão da identidade relacionando-a ao caráter da mudança na modernidade tardia, em particular ao processo de mudança conhecido como “globalização” e seu impacto sobre a identidade cultural. (2006, p.14), para tanto apresenta as ideias de Marx e Engels (1973, p.70), como propulsoras deste debate ao citá-los:

[...] é o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimentos eternos... Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar [...]. (*In* Hall, p.14)

Seguindo este raciocínio, as sociedades modernas teriam uma única certeza, que a mudança é inexorável e permanente. Assim, novas configurações e conceituações passariam a ser admitidas e veiculadas. Segundo o seu pensamento, ao falar da modernidade, analisamos:

A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se a través de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo ‘descentrada’ ou deslocada por forças fora de si mesma. (2006, p.17)

Na perspectiva dos deslocamentos, das discontinuidades, das rupturas e fragmentações é que propomos a reflexão sobre a compreensão das diferenças, considerando as mudanças do mundo pós-moderno, incorporadas a este pensamento com base no pensamento de Stuart Hall.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: SOBRE IDENTIDADES E DIFERENÇAS.

É importante destacar que as chamadas teorias educacionais críticas, que adotamos como abordagem teórico-metodológica desta pesquisa, vem estudando sistematicamente as questões do multiculturalismo e das diferenças, tendo como cenário as discontinuidades e deslocamentos apontados anteriormente. Silva (2007, p.73) nos apóia na problematização destas questões ao propor:

O chamado “multiculturalismo” apóia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença. É particularmente problemática, nessas perspectivas a ideia de diversidade. Parece difícil que uma perspectiva que se limita a proclamar a existência da diversidade possa servir de base para uma pedagogia que coloque no seu centro a crítica política da identidade e da diferença. Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição. Em geral, a posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença. Mas será que as questões da identidade e da diferença se esgotam nessa posição liberal? (2007, p.73)

Como proposto por Silva, percebemos certo “esvaziamento” do conceito de diversidade, que provoca confusão e que escamoteia o debate e que, muitas vezes se encerra num sentimento de comiseração, de “tolerância” à diferença, recorrentemente posto em relação ao que é considerado diferente, que foge à norma.

Seguindo o pensamento de Silva, pensamos que algumas questões não podem ser alienadas e mesmo postergadas neste debate, dentre as quais destacamos: Quais as implicações políticas de conceitos como diferença, identidade, diversidade, alteridade? O que está em jogo na identidade? Não deveríamos ter uma teoria sobre a produção da identidade e da diferença?

Neste dinamismo destacamos algumas questões fundamentais para serem problematizadas. Sobre identidade e diferença, Silva nos apóia com suas reflexões:

A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”) [...] Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é auto-contida e auto-suficiente. Na mesma linha de

raciocínio, também a diferença é concebida como uma entidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: “ela é italiana”, “ela é branca”, “ela é homossexual”, “ela é velha”, “ela é mulher”. Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como auto-referenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe. (2007, p.74)

Com base na perspectiva trazida por Silva, nos parece claro que os conceitos de identidade e diferença estão intimamente ligados ao que se é e ao que não é. Contudo, a própria ideia do que se é e do que se não é estão intimamente ligadas. Por exemplo, ao afirmarmos que “somos jovens”, partimos de um lugar que concebe a ideia de pessoas que sejam jovens e também de outras que não sejam, em síntese, só podemos afirmar que somos jovens porque existem pessoas que não o são. Dessa forma quando afirmamos “somos jovens” pode-se ler: “não somos velhos” ou “não somos bebês”. Nesta perspectiva, podemos afirmar, pois, que identidade e diferença são inseparáveis, uma vez que ao afirmarmos o que *somos*, também construímos o que *não somos*.

É ainda Silva que nos auxilia na compreensão do lugar da referência para a definição do que é idêntico e o que é diferente:

Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. Por sua vez, na perspectiva que venho tentando desenvolver, identidade e diferença são vistas como mutuamente determinadas. Numa visão mais radical, entretanto, seria possível dizer que, contrariamente à primeira perspectiva, é a diferença que vem em primeiro lugar. Para isso seria preciso considerar a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas como o processo mesmo pelo qual *tanto* a identidade *quanto* a diferença (compreendida, aqui, como resultado) são produzidas. Na origem estaria a diferença – compreendida, agora, como ato ou processo de diferenciação. (Silva, 2007, p.75-76)

O que é proposto por Silva é a ressignificação do conceito de diferença, provocando a ruptura com a visão cristalizada espaço-temporalmente da identidade como *norma*. Tomando como premissa que a diferença é o processo e não resultado deste, seria ela, agora, um novo parâmetro, produzindo assim novas compreensões e imagens neste cenário. Neste sentido a *norma* estaria ameaçada, tal qual os processos exclusivos, que a tomam como referência para sua afirmação. Assumir a ideia de diferença como processo de diferenciação é conceber

outros “lugares de enunciação” que transcendem a concepção de unicidade de apenas um *locus* de conceituação. Embora não nos estendamos nesta análise, não poderíamos nos furtar de mencionar que a identidade e a diferença não podem ser compreendidas fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido (Silva, 2007, p.78), isso não significa que elas sejam determinadas pelos sistemas discursivos e simbólicos que lhes dão definição, mas não podemos deixar de sinalizar seu pertencimento a cultura e aos sistemas simbólicos que a compõem.

FIXANDO IDENTIDADES - A “IDENTIDADE” DA NORMA.

Pensando sobre a identidade que se fixa, se estabelecendo como o parâmetro totalitário que definirá o pertencimento, Silva nos prova a reflexão ao afirmar:

Fixar uma determinada identidade como norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como *a* identidade. [...] Numa sociedade em que impere a supremacia branca, por exemplo, “ser branco” não é considerado uma identidade étnica ou racial. (2007, p.83)

Parece claro no pensamento de Silva que a norma é a fixação de um padrão rígido, que caracterizará a identidade hegemônica, dominante, ou seja, aquela que se manifesta como a “normal”, pela sua identificação com a norma. É muito interessante a reflexão que podemos empreender ao pensarmos a ideia de “normal”, que contém, numa análise etimológica, a concepção de norma posta em sua significância. Contudo, ao definir o que é “normal” também é produzido o que é “anormal”. Neste sentido, nos traz Silva:

Assim como a definição da identidade depende da diferença, a definição do normal depende da definição do anormal. Aquilo que é deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do “dentro”. A definição daquilo que é considerado aceitável, desejável, natural é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável, antinatural. A identidade hegemônica é

permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido. (2007, p.84)

Percebemos no trecho destacado a tensão existente entre dois lados: um que prima pela fixação da identidade e o outro que tende a subvertê-la. É sobre o movimento subversivo de ruptura com a fixação da identidade que nos debruçaremos nesse momento.

A teoria cultural contemporânea tem destacado alguns desses movimentos. Nas palavras de Silva (2006, p. 86) as metáforas da hibridização, da miscigenação, do sincretismo e do travestismo aludem alguma espécie de mobilidade entre os diferentes territórios da identidade, colocando em xeque o “poder” da norma. São movimentos como esses que nos revelam a possibilidade do “cruzamento de fronteiras”, da constituição de um “terceiro espaço” (Bhabha, 1996) que introduz uma diferença que constitui a possibilidade de questionamento da identidade hegemônica, e daí denuncia-se a artificialidade da norma.

Contudo, este “poder” embora ameaçado pelos movimentos transgressores, não pode ser subdimensionado, pois garante a “norma” seu caráter hegemônico, portanto classificatório e determinístico.

Segundo Silva, a identidade e a diferença estão associadas dependentemente as suas representações. Seria por meio das representações que elas adquiririam sentido, assim passando a existir. Em suas palavras:

Representar significa, neste caso, dizer: “essa é a identidade”, “a identidade é isso”. [...] É também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. È por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade. Questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. (2007, p.91)

Ou seja, como considerado no destaque, se constitui objetivo deste trabalho de pesquisa contribuir para o debate no que se refere a questionar e criticar os sistemas e formas dominantes de representação da identidade e diferença, se realmente desejarmos empreender um movimento de ruptura a identidade hegemônica posta à sociedade.

DIVERSIDADE - QUEM CABE NO SEU “TODO”?

Segundo Skliar (2003, p.20) “[...] é preciso voltar a olhar bem aquilo que nunca vimos ou que já vimos, mas desapaixonadamente”. Esta afirmativa nos suscita inicialmente a seguinte dúvida: o que é preciso voltar a se olhar bem?

Nesse momento, em nossa análise, nos obstinaremos a falar a respeito da *atenção à diversidade*, e nesse sentido, constituímos a crítica aos sistemas e formas dominantes de representação da identidade e da diferença.

O desafio que abordar esta temática, frente a sua complexidade, é narrada pelo próprio Skliar:

[...] toda vez que quis falar em torno da expressão *atenção à diversidade* ou, diretamente, de *diversidade*, uma certa patologia de nome desconhecido me obrigava com frequência a desviar meu olhar para outras coisas, a pronunciar outras vozes, a balbuciar outros sons; assim, na mesma medida que o termo *diversidade* se tornava cada vez mais inaudível e supérfluo, apareciam diante de mim quase sempre de modo instável outras vozes: *diferenças, identidades, mesmidade, o outro maléfico, a invenção maléfica do outro*, [...] etc. (2003, p.27)

Como percebido no pensamento do referido autor, sentimentos são suscitados quando se propõe a pensar a ideia de *diversidade*. Pensar sobre a *diversidade* nos remete a ideia de pensarmos sobre sua conceituação, suas bases teóricas, conceituais, filosóficas, sociais. Portanto, pensar sobre a *diversidade* nos impele num movimento de auto-reflexão, uma vez que uma questão nos parece eminente neste debate: Quem cabe no seu todo?

Continuando nossas análises, passamos a discutir a questão do *outro*, que foge a norma, e que Skliar afirma:

Por isso, toda vez que quis pensar ao redor da expressão *atenção à diversidade* ou, diretamente, de *diversidade*, notava que uma certa promessa multi/intercultural de certo modo fictícia rondava por nossas mentes: a ilusão – não sei, nem me importa sabê-lo, se honesta ou desonesta, se sincera ou hipócrita – de que poderíamos estar todos juntos de uma vez e para sempre, finalmente, agora mesmo, sem sequer olhar uma vez só para trás, sem remorsos, sem desculpas, sem arranhões; mas também uma ilusão governada – quer dizer, predeterminada – por três princípios que intuo milenares: que os outros devem ser sempre os mesmos outros – isto é, só alguns e poucos outros; aqueles outros que pudemos nomear quase sem esforço; que outros *outros* nunca serão admitidos no território da diversidade; e que nós não somos nem os outros *diversos* nem muito

menos os outros *outros*, senão um pura, autoritária, egocêntrica e voraz mesmidade. (2003, p.28)

Quem será esse outro a que se refere Skliar? A palavra outro acabaria por assumir uma conotação de designação ao diferente, àquele que não sou *eu* e nem o *diverso*, mas a rompimento com a nossa pétrea mesmidade. Segundo Derrida (2001, p.49) “Atualmente as palavras *outro*, *respeito ao outro*, *abertura ao outro*, etc. começam a resultar um pouco enfadonhas. Há algo que se torna mecânico neste uso moralizante da palavra outro”. A questão do *outro* e de tantos *outros* nos impelem a reflexão do mundo da alteridade e com isso, a pensarmos sobre a ideia de *diversidade* e sua *atenção*.

Percorrendo esse caminho, somos provocadas pela seguinte questão: A *atenção* educativa à *diversidade* constitui a prática de uma educação para todos? Segundo Skliar, algumas perguntas também o inquietam neste cenário:

É possível falar da *atenção à diversidade* como uma mudança evidente na educação?; ou então mais tautologicamente: a *atenção à diversidade* está disponível como um sentido único nos professores e professoras, na própria *diversidade*, nos programas e projetos de formação docente etc?; ou talvez de modo menos pretensioso: acaso existe algo na *atenção à diversidade* que possamos denominar mudança?; ou também: de quem é/deve ser esse movimento de mudança?; e em outro sentido: de qual *diversidade* e de qual *atenção* se está falando? (2003, p.30-31)

E com essa e muitas outras dúvidas, questões que não se encerram, mas que nos deixam provocados com as inquietações fustigadas, é que avançamos em nossas análises.

Segundo o dicionário da Real Academia Espanhola, *diversidade* significa “variedade, dessemelhança, diferença ou de distinta natureza, espécie, número ou figura”. Assim, o conceito de *diversidade* nos permite distinguir o *outro* do *mesmo*, ou seja, o diverso é o contrário do idêntico.

Contudo, como nos salienta Ferre (2001, p.197):

Identidade, diferença e diversidade: três palavras que falam do tudo e do nada dos seres humanos; três palavras que, em educação, acabam hoje resultando tópicos vazios ao mesmo tempo em que conformam uma realidade disciplinar, institucional e subjetiva que acaba definindo e plasmando a identidade da educação atual.

Ou seja, a perspectiva trazida pela autora nos remeteria a uma possível compreensão da “glamourização” do slogan contemporâneo da educação: a *atenção à diversidade*. Nesse sentido, Ferre reafirma:

Educar na diversidade respeitando a identidade de cada um, aceitar e respeitar as diferenças a partir da igualdade entre os seres humanos, poderiam ser frases de manual não por repetidas menos vazias, eufemísticas e adaptáveis a qualquer enfoque que se queira dar à educação hoje. (2001, p.197)

Ou seja, ante a proposta de Ferre se torna imperioso refletir quanto ao possível esvaziamento e a banalização das ideias da diferença, identidade e diversidade, que assumiriam assim significados/significâncias múltiplas com vistas ao mascaramento de uma lógica excludente, que usa elementos do discurso inclusivo como seus, para argumentar a favor de sua manutenção/sobrevivência.

Nossa tese é reforçada no pensamento de Skliar:

A alteridade da educação e da escola muda permanentemente, nunca é a mesma, se renova sempre, da mesma maneira que o outro da cultura também o faz. Esse é um jogo típico da diversidade, que consiste em ir mudando o lugar e o nome do outro, o lugar de quem é o depositário dessa(s) mitologia(s), para manter sempre bem conservado o lugar da alteridade e manter a salvo o lugar da mesmidade. (2003, p. 207)

PEDAGOGIA DA PLURALIDADE.

Voltamos a olhar bem. E voltando a olhar bem sobre a educação observamos que, como nos salienta Skliar (2003, p.195), “não estamos perguntando por ela, mas pela instabilidade e pela insistência de suas mudanças e de suas transformações”.

Nesse movimento, problematizamos as mudanças educacionais, emergindo o debate tão recente de *atenção à diversidade*. Quem nos auxilia nessa compreensão é o próprio Skliar ao propor:

Tudo é possível com a mudança em educação: a insistência de uma única espacialidade e de uma única temporalidade, mas com outros nomes; a reconversão de lugares em não-lugares para os outros; a infinita transposição do outro em temporalidades e espacialidades egocêntricas; a aparente magia de uma palavra que se instala pela enésima vez, ainda que não (nos) diga nada; a pedagogia das supostas diferenças em meio a um terrorismo da indiferença (indiferente); e a

produção de uma diversidade que quase não se atende, quase não se entende, quase não se sente. (2003, p.196)

Estamos numa encruzilhada do novo e do velho. O velho sob nova roupagem, recosturado, redesenhado, pintado de novo. O novo rasurado, borrado, esmaecido, desbotado. E esse é o resultado da mudança que nos levou novamente a origem. Discutimos novos conceitos demandados na contemporaneidade, mas que na sua inconsistência se materializam como velhas ideias. Assim, objetivamente posta, observamos as dicotomias: a inclusão marginal, o diverso diferente, novos sujeitos da mesmidade, o novo indecifrável!

Destacamos algumas considerações como forma de rompimento com velhas-novas dicotomias. A primeira refere-se à incompatibilidade da *mesmidade* da escola com a diferença do *outro*. Segundo Skliar (2003, p.199) *o mesmo* e o *outro* não podem estar ao mesmo tempo nessa temporalidade, na escola. Um espaço de *mesmidade* é um espaço de negação do *outro*.

Uma pedagogia que celebre a pluralidade deverá se contrapor a pedagogia do outro que deve ser apagado, que segundo Skliar, se fundamenta em:

Na negação do outro em suas próprias experiências de ser-outro, em seu devir, em suas próprias línguas, em suas próprias temporalidades e espacialidades, em seus próprios acontecimentos.

E mostrar ao outro que está mal ser aquilo que se é ou se está sendo: corrigi-lo, normalizá-lo, expulsá-lo, medicalizá-lo, silenciá-lo, vociferá-lo, produzi-lo.

Que seja o outro o que diga o quanto precisa da mesmidade; que seja o outro o que diga o quanto precisa respirar de nosso ar; que seja o outro que nos suplique que quer e eu deve ser apagado. [...]

E mostrar ao outro que está bem ser aquilo que não se é, que não se está sendo e que não se poderá – ou terá vontade de – ser: disfarçá-lo de diversidade, tingi-lo de alteridade, fazê-lo divergir do mesmo, distanciá-lo, medi-lo, avaliá-lo, excluí-lo/incluí-lo. [...]

A pedagogia do outro que deve ser apagado: uma pedagogia para que a mesmidade possa ser, sempre, a única temporalidade e espacialidade possível. (2003, pp. 201-202)

Para esta pedagogia plural os desafios estão postos, como salientado por Skliar (2003, p. 208), sendo necessário se contrapor: a ideia de diversidade como algo sempre problemático; a sinonímia criada entre diversidade e heterogeneidade; a ideia de que diversidade é tudo e nada ao mesmo tempo (já que tudo é diversidade e/ou todos somos

diversos); ainda que se fale em pluralização à atenção à diversidade está individualizada nos sujeitos considerados problemáticos.

Nesse sentido, é possível pensarmos no que chamamos neste texto de pedagogia da pluralidade como opositora e resistente à pedagogia do outro como hóspede da mesmidade e a pedagogia do outro que deve ser apagado.

Pedagogia da pluralidade *que contemple a dimensão de estarmos bem em sermos o que somos, de estarmos bem em sermos o que estamos sendo, de estarmos bem em ser além do que já somos ou estamos sendo, de sermos outras coisas.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi. **O terceiro espaço (entrevista conduzida por Jonathan Rutherford).** Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, nº. 24, 1996. p. 35-41.

DERRIDA, Jacques. **Limited Inc.** Campinas: Papirus, 1991.

FERRER, Núria Pérez de Lara. **Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta.** In: LARROSA, Jorge & SKLIAR, Carlos. **Habitantes de babel: políticas e poéticas da diferença.** Belo Horizonte: Autêntica: 2001. p 195-214.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11^a. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PARDO, José Luis. **El sujeto inevitable.** In: CRUZ, Manuel (org.). **Tiempo de subjetividad.** Barcelona: Paidós, 1996. p. 133-154.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 7^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 73-102.